



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ECUMENISMO BILATERAL

Marcos Roberto Inhauser

Na minha opinião, o Concílio de Medellín produziu o mais ecumênico dos documentos já elaborados pela Igreja Católica. Há vários indícios de que o Espírito soprou durante a sua realização e que coisas novas apareceram. Convocado para adaptar as decisões do Vaticano II para a América Latina, pode-se dizer que o documento de Medellín surgiu de baixo para cima e não de cima para baixo, como têm sido a maioria dos documentos produzidos pela Igreja Católica. A participação ativa de elementos oriundos de outras tradições cristãs (vários pastores reformados tiveram sua participação) e o “atropelo” das normas hierárquicas podem ser sinais de que algo aconteceu. Ele gerou uma onda de ações ecumênicas cooperativas e de celebrações em toda a América Latina, caracterizadas pela espontaneidade dos seus participantes e pela urgência em ver realizado o sonho de uma nova sociedade. A opção pelo pobre como chave hermenêutica das Escrituras inovou a forma de ler a Bíblia e de fazer teologia.

O ecumenismo produzido por Medellín se esparramou por toda a América Latina. Foram criados inúmeros Comitês Ecumênicos de Direitos Humanos e organizações cristãs de desenvolvimento humano e comunitário, todos embalados pelo sonho da unidade e da nova sociedade.

Para quem andou pelos países da América e esteve em contato com estas expressões de unidade e compromisso cristãos, não pode deixar de reconhecer que houve um sopro do Espírito que começou em Medellín e se estendeu pelos países afora. Era uma prática ecumênica de valorizar o ser humano, de lutar pela justiça, de buscar a paz, de defender os direitos do ser humano. Vi isto desde o México até a Argentina. Gente simples, que se unia a outros cristãos para juntos cumprir a missão de serem um só corpo.

Era um ecumenismo multilateral, onde cristãos se uniam sem muita preocupação com as diferenças teológicas, mas preocupados com a justiça, a paz e o bem-estar.

Ao fazer a análise do impacto do Concílio de Medellín na vida das igrejas da América Latina, durante a realização de um fórum teológico, afirmei também que o pontificado de João Paulo II representa um retrocesso neste tipo de caminhada em direção à unidade, uma vez que, através de suas encíclicas e orientações, nós, os protestantes, percebemos que há um processo de conciliarização do ecumênico, que vai em sentido contrário daquilo que Medellín produziu.

Fui refutado por um teólogo que disse que há hoje um processo de “ecumenismo bilateral” onde a Igreja Católica está conversando em separado com as várias tradições cristãs, buscando pontos de contato e fazendo declarações conjuntas. Para quem conhece a história do movimento ecumênico, não pode aceitar este tipo de atitude como avanço, mesmo porque ela quebra a espontaneidade e desloca o eixo da unidade das ações para as declarações, do agir nas bases para um conversar das cúpulas, de uma decisão pessoal para uma decisão conciliar. Afirmar que o ecumenismo bilateral e conciliar é avanço em relação ao ecumenismo das bases é algo que só pode aceitar quem está acostumado com o “ecumenismo de ar-condicionado” ou feito por passageiros de táxi de luxo em suas viagens intermunicipais.